

TERRITÓRIO, CULTURA E LAZER EM DUAS ASSOCIAÇÕES CULTURAIS DE BELO HORIZONTE, MG: CARTOGRAFIAS SIMBÓLICO-AFETIVAS¹

Recebido em: 10/08/2019

Aceito em: 27/01/2020

Agustín Arosteguy²

Universidad de Buenos Aires (UBA)

Buenos Aires – Argentina

Christianne Luce Gomes³

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: O presente artigo objetiva compreender as articulações entre território, cultura e lazer no espaço urbano de Belo Horizonte por meio das apropriações do lazer, efetuadas por parte de pessoas que atuam em duas associações culturais da cidade. Nesse sentido, busca-se investigar os vínculos simbólico-afetivos que essas pessoas estabelecem com o lugar em que vivem e trabalham, considerando as seguintes categorias: Identidades do território, Atividades de lazer, Memória coletiva e Sentido de lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de Lazer. Território. Pontos de Cultura.

TERRITORY, CULTURE AND LEISURE IN TWO CULTURAL ASSOCIATIONS OF BELO HORIZONTE, MG: SYMBOLIC-AFFECTIVE CARTOGRAPHIES

ABSTRACT: This article aims to understand the articulations between territory, culture and leisure in the urban space of Belo Horizonte through the appropriations of leisure performed by people who work in two cultural associations of the city. Through this, it sought to comprehend the symbolic-affective bonds that these people establish with the place in which they live and work, considering the following categories: Identities of the territory, Leisure activities, Collective memory and Sense of place.

KEYWORDS: Leisure Activities. Territory. Points of Culture.

¹ Esta pesquisa foi realizada com apoio de uma bolsa de doutorado concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

² Professor da Universidad de Buenos Aires. Doutor em Estudos do Lazer pela UFMG.

³ Professora do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da UFMG. Pesquisadora do CNPq e da FAPEMIG/PPM. Líder do Grupo de Pesquisa LUCE – Ludicidade, Cultura e Educação (UFMG/CNPq).

Introdução

O presente artigo busca compreender as articulações entre território, cultura e lazer no espaço urbano de Belo Horizonte por meio das apropriações do lazer, efetuadas por parte de pessoas que atuam em duas associações culturais da cidade, reconhecidas como “Ponto de cultura”.

Cabe esclarecer que Ponto de Cultura é uma das ações⁴ do Programa Cultura Viva, uma política pública vigente no período 2004-2016, implementada pelo Ministro da Cultura Gilberto Gil, no primeiro governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Essa política se desenvolve a partir do território, com a identificação de iniciativas populares oriundas de demandas comunitárias que vão além do lucro e não estão circunscritas à lógica economicista da cultura. Desse modo, procurou-se identificar e reconhecer a trajetória e o trabalho desenvolvido pelas inúmeras instituições que povoam o Brasil com o intuito de estimular, preservar e potencializar a “diversidade cultural brasileira, ao contemplar iniciativas culturais locais e populares que envolvam comunidades em atividades de arte, cultura, educação, cidadania e economia solidária” (SECRETARIA DE CIDADANIA CULTURAL, 2010, p. 36), incluindo os coletivos minoritários, como quilombolas, caiçaras, LGBT, favelas, etc.

Embora a cultura seja um conceito complexo, que tem inúmeras acepções e depende de cada momento histórico e social, aqui se abordam alguns aspectos singulares com o intuito de entendê-la, em especial, numa perspectiva geográfica. Como o nosso interesse é articular a dimensão cultural com a espacial, pretendemos criar um diálogo entre ambas, a fim de estabelecer influências e intercâmbios recíprocos.

⁴ Além dela, estão: está composto por um grupo significativo de outras políticas (Cultura Digital, Pontões, Agente Cultura Viva, Ação Griô, Tuxaua, Pontinhos e Ponto de Mídia Livre).

Paul Claval (2007) deixa clara a importância da cultura em todos os âmbitos do ser humano. O autor frisa o papel crucial da Geografia humana na investigação sobre a maneira pela qual os seres humanos se situam no território, as práticas e labores por eles efetuadas, tendo em vista apreender as diversas relações que os grupos estabelecem no espaço: seja para transformá-lo, para adequá-lo à sua conveniência ou para explorá-lo. Além disso, essa abordagem se interessa pela compreensão dos vínculos que os sujeitos criam entre si e pelo modo como constituem a sociedade em que vivem, envolvendo-se na sua ordenação e na identificação com o território que habitam, ou com aquele que sonham (CLAVAL, 2007).

Desse modo, a ligação entre o território e o indivíduo não é o resultado de uma relação unívoca, pois, compreende um vínculo dialético baseado na história de vida do sujeito, que contempla a sua interação com as outras pessoas, a organização do seu grupo social no espaço geográfico e os sentimentos de identificação, representação e pertencimento que esse indivíduo/integrante de um coletivo, estabelece com o território (CLAVAL, 2007; BERQUE, 1998, COSGROVE, 1998).

Consideramos que nossas experiências de lazer se manifestam na interface entre o sujeito individual/coletivo, e o território. Seguindo essa linha de interpretação, ressaltamos o aspecto espacial, especificamente em relação ao componente simbólico, trabalhado por Haesbaert (1997, 1999, 2007), e a ligação do afeto com o espaço ou o “amor ao lugar”, cunhado por Tuan (2012, p. 11).

Nesse contexto, investigamos de que maneira as pessoas se conectam simbólica e afetivamente com o território, por meio de suas apropriações de lazer. Aqui, é pertinente trazer as palavras de Mascarenhas (2001), quando esclarece que o lazer deve constituir um espaço de organização da cultura. Claval (2007), por sua vez, atribui à

cultura o papel primordial de decifrar a maneira pela qual as sociedades se organizam no espaço. Sendo o lazer como uma dimensão da cultura, acreditamos que este também pode auxiliar a compreensão sobre como os grupos sociais se relacionam dialeticamente com o território.

Com essa ideia em mente, buscamos aproximações com a Geografia com o intuito de investigar a articulação território, cultura e lazer, seguindo a metodologia apresentada a seguir.

Aplicação de uma Abordagem Metodológica Atrelada à Percepção do Território

Com o intuito de aprofundar conhecimentos sobre a articulação território, cultura e lazer no espaço urbano, por meio dos vínculos simbólico-afetivos que as pessoas estabelecem com o lugar em que vivem e trabalham, desenvolveu-se uma pesquisa que procurou sistematizar fundamentos teórico-metodológicos para enriquecer a discussão. Esses fundamentos contemplaram quatro indicadores, ou categorias de análise: Atividades de lazer, Memória coletiva, Sentido de lugar e Identidade do território.

Enquanto as três primeiras categorias foram sistematizadas por Matos (2010) em sua tese de doutorado, a quarta categoria foi definida para a presente pesquisa. Por “atividades de lazer”, entende-se todas aquelas atividades que “aproximam os cidadãos de maneira bastante interessante e espontânea de sua própria cidade” (MATOS, 2010, p. 83), fazendo com que as separações entre espaço privado e público desapareçam. Já a “memória coletiva” diz respeito as lembranças que as pessoas de maneira individual e coletiva guardam com um determinado espaço a partir das vivências que elas tiveram ali. A categoria “sentido de lugar” expressa o tipo de ligação subjetiva que cada pessoa tem com o espaço geográfico, envolvendo sentimentos, sensações, afetos e

sensibilidades que fazem com que os indivíduos se conectem com a dimensão simbólica dos lugares. Finalmente, a categoria “identidade do território” buscar traçar o perfil de um determinado território a partir de questões históricas e da configuração da cidade que deu origem aos bairros, e também de aspectos mais sutis, referentes a habitar o espaço, a sentir o lugar no qual as pessoas passam grande parte da vida.

Alicerçando-se nessas quatro categorias, foi realizada uma pesquisa de campo em dois Pontos de Cultura de Belo Horizonte: Casa do Beco e Grupo Iuna, cujas particularidades serão apresentadas mais adiante. A imersão investigativa⁵ nessas duas associações culturais envolveu observações e entrevistas com as pessoas que nelas atuam.

As observações foram feitas *in loco*. Elas foram registradas em um diário de campo sempre que necessário, desde que não interferissem nas atividades observadas ou atrapalhassem os participantes. O processo de observação e registro escrito foi acordado previamente com a coordenação dos espaços, e explicado a todos os participantes. Antes das observações serem iniciadas, buscou-se uma aproximação e diálogo com cada grupo pesquisado, incluindo participação em algumas de suas atividades, de modo a minimizar a interferência causada pela presença de um pesquisador. Também foram registradas conversas e situações observadas nas ruas dos bairros com o intuito de conhecer melhor as peculiaridades do território investigado.

⁵ As técnicas que orientaram a exploração do território foram as seguintes: rastreio, que “é um gesto de varredura de campo [...] a atenção que rastreia visa uma espécie de meta ou alvo móvel; toque, é sentido como uma rápida sensação, um pequeno vislumbre, que aciona em primeira mão o processo de seleção; pouso, indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom” (PASSOS;KASTRUP;ESCOSSIA, 2009, p.40-43); “reconhecimento atento, tem como característica nos reconduzir ao objeto para destacar seus contornos singulares” (BERGSON, apud PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2009, p. 45).

Quanto às entrevistas, elas incluíram três grupos de voluntários: a) diretores e/ou coordenadores das associações (3), que são os responsáveis pela execução, organização e implementação das atividades culturais; b) trabalhadores e profissionais que atuam nesses Pontos de cultura (3), que são os que realizam a parte operativa dos projetos e ações que impactam, de uma ou outra forma, na geografia e na vida do bairro, bem como de seus moradores; c) participantes das atividades (2), que são os destinatários das políticas culturais. No total foram entrevistadas oito pessoas, quatro delas vinculadas a cada associação pesquisada.

Foram criados codinomes para preservar o anonimato dos entrevistados. A Casa do Beco está situada no Morro do Papagaio e tem, como atividade central, o teatro. Por isso, os depoentes foram denominados da seguinte maneira: Cenário, Bastidores, Proscênio e Espaço Cênico. A capoeira, por sua vez, é a atividade principal do Grupo Iuna, que está localizado no bairro Saudade. Desse modo, foram selecionados nomes de instrumentos musicais para designar os entrevistados dessa associação cultural: Berimbau, Caxixi, Atabaque e Pandeiro.

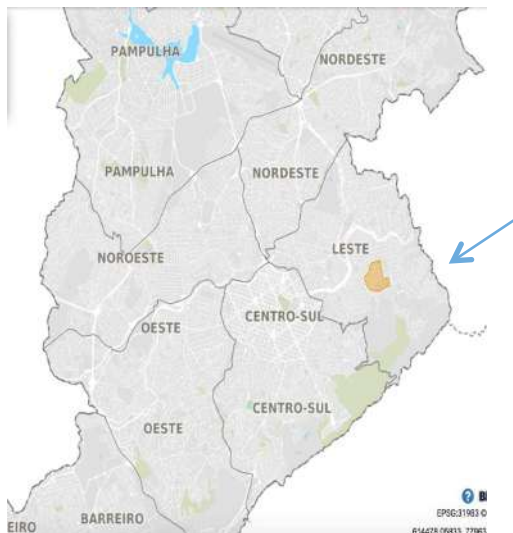
Os resultados da pesquisa de campo foram organizados e sistematizados considerando as quatro categorias preestabelecidas para subsidiar as análises desenvolvidas, conforme será tratado nos tópicos a seguir.

Identidade dos Dois Bairros Pesquisados: Aspectos Compositivos

Este tópico fornece uma descrição dos bairros Saudade e Morro do Papagaio de uma forma mais geral, no que tange à sua história, origem do nome e peculiaridades de seus moradores, assim como apresenta sumariamente a sua estrutura, estética, arquitetura, comunicação com a cidade e, principalmente, com o centro. Dois livros da

coleção “Histórias de Bairros”, publicada pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), em parceria com a Associação Cultural do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (ACAP-BH), subsidiaram a busca de respostas aos aspectos elencados.

Figura 1: Localização do bairro Saudade na regional leste de Belo Horizonte



Fonte: Elaboração própria através de dados disponibilizados pela PRODABEL – Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte

O bairro Saudade (Figura 1) foi assim denominado devido ao Cemitério da Saudade, que é a segunda necrópole mais antiga da cidade. Foi construído em 1941 para atender a população carente que desejava obter um jazigo perpétuo, mas não tinha acesso ao imponente Cemitério do Bonfim. Outra informação recolhida foi sobre a origem do bairro. Ele surgiu da aprovação, em 1928, dos loteamentos dos parques Vera Cruz e Cruzeiro do Sul, bem como da construção do Cemitério da Saudade. Foi assim que diversas vilas operárias se formaram, com vistas a acolher as famílias “excluídas desse planejamento e que deram origem, além do Saudade, aos bairros vizinhos Sagrada Família, Horto, Instituto Agrônômico, Vera Cruz, Paraíso e Pompeia” (ARREGUY; RIBEIRO, 2008, p. 17). Esses dois fatos impulsionaram a ocupação do bairro.

Segundo dados estimados pelo IBGE em 2019, habitam no bairro cerca de 5.160 pessoas. A respeito do transporte público, o bairro Saudade encontra-se bastante bem comunicado, já que possui múltiplas linhas de ônibus que o conectam a diferentes partes da cidade. Perto do Grupo Iuna, a uns 5 minutos caminhando, na Rua Senhor Simone, passam várias linhas de transporte público.

Em relação ao Morro do Papagaio, localizado na regional centro-sul (Ver Figura 2), encontra-se rodeado pelos bairros Belvedere, Cidade Jardim, Conjunto Santa Maria, Coração de Jesus, Luxemburgo, Santa Lúcia, Santo Antônio, São Bento e Vila Paris. Por estar adjacente a alguns dos bairros com o metro quadrado mais caro da cidade, tornou-se um lugar de forte especulação imobiliária. Esse bairro, assim como também o Conjunto Santa Maria, está marcado pela população pobre em sua luta pela moradia.

Figura 2: Localização do bairro Morro do Papagaio na regional centro-sul de Belo Horizonte



Fonte: Elaboração própria através de dados disponibilizados pela PRODABEL – Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte

Na década de 1950, essa zona constituída apenas por mato e uma vila (a Vila Barragem Santa Lúcia) começava a se formar. Essa vila, junto com a Vila Estrela, Vila Santa Rita de Cássia, Vila Esperança e Vila São Bento, compõem o Morro do Papagaio.

As construções foram feitas pelos próprios moradores, com o uso principalmente de materiais baratos ou que podiam ser retirados da própria natureza, como o pau-a-pique, o adobe e a madeira (História dos Bairros [de] Belo Horizonte: Regional Centro-Sul, 2008). Também nessa década, 1950, se realizou a construção da Barragem Santa Lúcia, no início do Córrego do Leitão. Por consequência disso, muitos habitantes da vila tiveram que ser retirados. Foi assim que a Prefeitura construiu o Conjunto Santa Maria, com o fim de abrigar não só as pessoas removidas da vila da Barragem senão também as outras que procediam das demais ocupações pobres da cidade (*Idem*). Essa história da luta diária pela moradia por parte dos moradores das vilas e favelas continua até os dias de hoje.

A versão sobre a origem do nome, segundo os moradores mais antigos, conta que crianças e adolescentes subiam até a cima do morro para soltar pipas, também conhecidas como “papagaios”. Um único ônibus, na realidade um micro-ônibus, passa dentro do Morro do Papagaio desde o ano 2000, sendo assim uma conquista relativamente recente da população. Apesar desse fato, o Morro está muito bem conectado com o resto da cidade, sendo possível ir caminhando até o centro. Possui a alcunha de “favela mais nobre da cidade” devido ao fato de estar rodeada por bairros nobres da zona sul, como Carmo, Cidade Jardim, Santo Antônio, São Pedro, Sion, Vila Paris, Santa Lúcia e São Bento. Essa proximidade favorece o transporte público no entorno do Aglomerado Santa Lúcia. Segundo dados estimados do IBGE (2019), habitam no Morro do Papagaio 17.836 pessoas. Esse número é bem diferente do fornecido por um dos entrevistados, morador do morro, que diz que atualmente moram ali 47 mil pessoas.

De acordo com o que foi observado e respondido pelos entrevistados, e interpretado nesta pesquisa em termos de identidade sutil do território, considera-se que a primeira grande diferença está relacionada com a estrutura socioespacial dos bairros. No caso do Morro do Papagaio, a estética das moradias (chamadas de “barracos”) é precária e quase não existe separação entre elas. As ruas são mais estreitas e, quando são percorridas, é possível sentir e perceber uma vida ativa com muita energia por parte dos moradores. Assim, o grau de ocupação e apropriação do espaço público é alto. Mas não se ignora que esse tipo de comportamento pode ser ocasionado pelo pequeno tamanho da moradia, o que faz com que as pessoas fiquem mais à vontade na rua. Seja como for, a vida na rua é bem movimentada, barulhenta e também alegre. Essa vida intensa gera uma proximidade entre as pessoas do lugar, e faz com que seja fácil e rapidamente identificada a pessoa que é de fora.

Outra característica a destacar tem a ver com a fisionomia do Morro do Papagaio. Suas ruas são bastante sinuosas e cheias de becos. Daí o nome escolhido pelo diretor da associação cultural para chamar ao grupo de teatro (Grupo do Beco) e, depois, para denominar a instituição (Casa do Beco). Os becos, que são caminhos sem saída, estreitos na sua maioria e um pouco escuros são bem característicos de algumas favelas brasileiras. Eles podem parecer labirintos, sobretudo para as pessoas de fora, mas que também surpreendem aos moradores mais distraídos.

Márcia Cruz (2009, p. 16), em seu livro sobre o Morro do Papagaio, descreve os becos do seguinte modo: “A lógica desses caminhos é lúdica, nada cartesiana, menos ainda planejada, embora os becos resultem de um certo pragmatismo dos moradores. Nasceram para suprir necessidades imediatas, mas se eternizaram no lugar”.

Ao longo da pesquisa de campo, em nenhum momento foi percebida ou vivenciada alguma situação de perigo. É importante chamar a atenção aqui para o fato de que essa sensação de insegurança geralmente não é real quando se tem a oportunidade de conhecer pessoalmente esses bairros, e ver como acontece a vida ali. Com isso não se pretende dizer que não existe violência, e sim apenas ressaltar que, nesses locais, moram muitas pessoas que são estigmatizadas pelos meios de comunicação. Assim, a sensação que fica quando se visita esses lugares é de alta energia, é de ter vivido um momento intenso que alcança, positivamente, o corpo e a mente. É como se a vida fluísse em outro ritmo, em outra intensidade: a vida à flor da pele! Os encontros entre vizinhos podem ser demorados, nas lojas ainda existe caderneta para “comprar fiado”, é possível contar com seu/sua vizinho/a “para qualquer coisa”. Os laços humanos parecem mais genuínos. Isso faz com que exista uma preocupação sincera entre vizinhos, eles se ocupam e cuidam um do outro, sabem da vida das pessoas que moram perto, se ajudam nas tarefas domésticas e até nas questões mais delicadas, como pode ser a morte de algum parente.

Já no bairro Saudade, devido à estrutura que caracteriza ao bairro, há ruas mais amplas e casas com um espaço maior entre elas. Sem dúvida alguma, isso tem a ver com a forma como a vida acontece na via pública. Parece que a relação entre vida na rua e tipo de moradia é inversa: quanto melhor a qualidade da moradia, menor é o uso e o usufruto da rua. Tudo isso faz com que a experiência de transitar por suas ruas não se diferencie (imagética ou sonoramente) muito de quando se anda por outros bairros da cidade. O bairro Saudade, em particular, é bem tranquilo devido a suas dimensões. Quando se anda pelas ruas é possível sentir até um certo sossego. Essa sensação muda consideravelmente quando alguém se aventura no bairro ao lado, o Alto Vera Cruz. Aí a

agitação é maior, dado que pelas suas ruas circulam mais ônibus, há mais comércios (supermercados, açougues, restaurantes, lancheiras, padarias), escolas, etc. Esse contraste tão marcante faz com que a “tranquilidade” do Saudade sobressaia ainda mais. Esses são os contextos onde se situam as duas associações culturais pesquisadas, nas quais são desenvolvidas as atividades de lazer que serão apresentadas a seguir.

Atividades de Lazer

Com esta categoria, buscamos não só avaliar o valor de um determinado local (neste caso os dois bairros) a partir da presença de atividades de lazer, mas também procuramos compreender de que maneira as experiências de lazer desenvolvidas pelos Pontos de cultura são apropriadas pelas pessoas que neles atuam (funcionários e educadores/professores) e instigam o estabelecimento de vínculos simbólico-afetivos com o território em termos de identificação, representatividade e pertencimento.

Na pesquisa, foi possível perceber se existe um engajamento com certas atividades de lazer que fazem parte da vida dessas pessoas, e avaliar qual é a conexão com o território e a cultura. Por isso, aqui se procurou, por um lado, averiguar como a Casa do Beco e o Grupo Luna definem e/ou determinam as atividades de lazer a serem realizadas e como elas são comunicadas e difundidas nos respectivos bairros e, por outro, como se articulam (ou não) com as demais instituições culturais do bairro e da cidade. Nessa direção, realizou-se um mapeamento nos dois bairros visando conhecer as demais propostas culturais e de lazer ali presentes e também observar se existe ou não um diálogo entre elas, e as duas associações.

Assim, a partir do levantamento feito nos dois bairros obtiveram-se as seguintes informações. No caso da Casa do Beco, se identificou o CRAS, que é uma unidade

pública da política de assistência social, de base local, integrante do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). É oferecido o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) com a finalidade de fortalecer a função protetiva da família, prevenir a ruptura dos seus vínculos, promover seu acesso e usufruto de direitos e contribuir na melhoria de sua qualidade de vida. Além do PAIF, o CRAS promove também o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, que atende a toda a família, desde a criança até o idoso, e possui também uma quadra de esporte. Além disso, há várias outras atividades e oficinas, dentre as quais se encontram: circo, dança de rua, judô e futebol. Bem perto do CRAS, na mesma rua, existe a Biblioteca Pública Regional Santa Rita de Cássia, que faz parte do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais. Promove os encontros e as trocas de todos os interessados no mundo do livro. No caso do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu), ele reúne como acervo fotografias, objetos, imagens de festas, danças, celebrações, tradições e histórias que representam a tradição e a vida cultural dos moradores das diversas favelas e quilombos urbanos do Estado de Minas Gerais. O Muquifu, além de ser um local de resistência, identifica-se com um museu de território que tem como vocação garantir o reconhecimento e a salvaguarda das favelas, os verdadeiros quilombos urbanos do Brasil⁶.

Segundo o entrevistado Cenário, o que mais existe atualmente são grupos musicais de estilos diferentes, artistas plásticos, poetas e grupos de dança, todos eles informais. Em relação às artes plásticas, o artista Pelé abriu o Centro Cultural Favela Bela. Esse espaço funciona como um atelier aberto, no qual cada pessoa vai com seus materiais (pincéis, tela, tintas) e pinta enquanto Pelé a acompanha e, se for necessário,

⁶ Informação obtida do site Belo Horizonte surpreendente: Disponível em: <https://www.belo Horizonte.mg.gov.br/local/atrativo-turistico/artistico-cultural/muquifu-museu-dos-quilombos-e-favelas-urbanos>. Acesso em: 1 maio 2018.

também ajuda ante alguma questão. No quesito dança junina, está o grupo Sabuco Duro, que já participou e foi premiado várias vezes no “Arraial de Belô”. Por falta de recursos, o grupo encontra-se desativado há mais de quatro anos.

Ao percorrer as ruas do Morro do Papagaio, é possível ver que vários postes de luz e paredes de lojas veiculam publicidade da Casa do Beco, anunciando alguma peça a ser estreada ou promovendo alguma atividade. Certa vez, foi solicitada informação a um morador sobre o local onde aconteceria um evento da Casa do Beco e ele interrompeu a pergunta, dizendo: “Ahh, a peça da Casa do Beco!”, indicando prontamente o caminho a seguir. Desta maneira, percebe-se que há um reconhecimento acerca da existência da Casa do Beco, sustentado nos seus quase 20 anos de história. Uma das razões encontradas está na filosofia da Casa, que faz questão de participar da vida do bairro, de estar presente para debater as questões e os problemas locais. A Casa tem o desejo de se ocupar com a vida do bairro e manter um “vínculo grande com a comunidade”, comenta o entrevistado (Cenário).

No Grupo Iuna, no bairro Saudade, a realidade é diferente. O bairro é menor, questão que também incide na quantidade de atividades de lazer. No levantamento se constatou que a maioria dos espaços públicos com atividades de lazer estão localizados no Alto Vera Cruz.

Embora a distância que separa a sede do Grupo Iuna desses espaços seja pequena, entre 400 metros a um quilômetro, já corresponde a outro bairro e, portanto, outra jurisdição. Segundo o depoimento da entrevistada Berimbau, “não tem outros centros culturais, só tem o Grupo Iuna [...]. O Alto Vera Cruz tem muitas mais atividades e muita mais ajuda do governo que aqui”. Essa mesma entrevistada ressalta:

“atividades culturais não. O que tem é em junho, julho, as quadrilhas, as festas juninas e poucos shows, são pontuais, de vez em quando montam na rua um palanque”.

Ao seguir essa linha, Pandeiro acrescenta:

Tem no Alto Vera Cruz, lá em cima, um centro cultural que é do governo, mas eu não sei como funciona. [...] O Alto Vera Cruz está recheado disso aí [...]. Têm poucas, tinha muitos. Tinha mais, mas vai acabando porque o sistema ele vai acabando com cada um.

Quando questionados sobre a articulação entre o Grupo Iuna e os outros espaços, há uma disparidade de opiniões. Berimbau disse que “a gente está sempre trocando, sempre articulando. Sempre que tem alguma coisa eles vêm e sempre chamam a gente pra participar de lá”. Mas, por outro lado, Pandeiro opina: “Meninas de Sinhá, eu não sei como elas estão. Ele [o cantor Flávio Renegado] está lá e também não sei como é que funciona”.

Ao andar pelas ruas e ao conversar com pessoas vinculadas a outros espaços e centros culturais do Alto Vera Cruz, é comum afirmarem que o Grupo Iuna não estabelece muitas colaborações e/ou articulações com instituições do mesmo bairro. As parcerias acontecem com outros grupos de capoeira e é usual que os mestres circulem por diferentes grupos, como sinal de camaradagem. Essa questão veio à tona no Grupo Iuna durante a pesquisa de campo. Conforme foi registrado no diário de anotações e observações:

[Um morador] me contou que é um circuito bastante fechado e são os capoeiristas que decidem quem se torna Mestre. Para isso, se considera a antiguidade, reputação, disciplina, trajetória, e claro, a pessoa. Além disso, a pessoa tem que ir às rodas, conhecer e ser conhecido, e possuir sua própria roda de capoeira (Diário de campo, 19/02/2016).

Talvez isso se deva ao fato de que a atividade central do Grupo é a capoeira e toda sua história marcante enquanto resistência, luta e resiliência. Isso faz com que

circulem sempre por espaços específicos. A capoeira é marcada por um certo desconhecimento por parte das pessoas ou até preconceito. Berimbau disse: “é um grande problema porque quem frequenta a igreja não frequenta cultura, não participa”. [...] “eles têm uma visão errônea, principalmente da capoeira. A capoeira é malvista. Muito difícil, muitos meninos saem daqui por causa da religião”.

Contudo, tanto nas entrevistas no Grupo Iuna quanto nas ruas, percebeu-se que as pessoas não têm tanto conhecimento do espaço e também que a associação não está presente nas ruas, deixando de participar das reuniões da associação de moradores, por exemplo. Apesar disso, um ponto em comum entre ambas as instituições estudadas é o motivo pelo qual o teatro e a capoeira se converteram na atividade principal desses dois pontos de cultura, que está relacionado ao interesse pessoal de seus fundadores.

Memória Coletiva

Para tratar da memória coletiva é importante considerar que essa categoria guarda uma estreita relação com a história e com o valor histórico que um lugar pode ter para os indivíduos que aí residem. Desde o momento em que o ser humano tenta se conectar com o território, através de fatos históricos, monumentos, de citações na literatura e por outras manifestações artísticas com as quais ele se identifica, é possível perceber que essas conexões têm a ver com a memória individual e também coletiva.

Por meio da memória individual, é plausível chegar a ideias e memórias coletivas, porque afinal, como disse Bosi (2003, p. 410), “uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais”. Portanto, entendemos essa categoria como uma maneira através da qual a pessoa

estabelece laços subjetivos e até inconscientes com o território que habita. Seguindo esse raciocínio, Halbwachs (2006, p. 33) sentencia:

[...] o depoimento de alguém que esteve presente ou participou de certo evento não nos fará recordar nada se não restou em nosso espírito nenhum vestígio do evento passado que tentamos evocar, não pretendemos dizer que a lembrança ou parte dela devesse subsistir em nós da mesma forma, mas somente que, como nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum com relação a certos aspectos, permanecendo em contato com esse grupo e ainda somos capazes de nos identificar com ele e de confundir o nosso passado com o dele.

Outro aspecto de suma importância dessa categoria é a sua relação com a identidade do lugar. Nesse sentido, concordamos com Matos (2010, p. 87), quando declara:

Ao resgatar o conjunto de lembranças e recordações de uma época que já passou, mas que ainda encontra-se presente no lugar, através da memória de seus habitantes, torna-se possível traçar uma geografia que contribua efetivamente para a reconstrução da identidade do lugar.

Diferentemente da categoria atividades de lazer, a memória coletiva é apreendida por meio do discurso oral dos habitantes ou, neste caso, através das pessoas que atuam nos Pontos de cultura. Por isso, Matos (2010, p. 85) ressalta que “para avaliar objetivamente este indicador, o caminho é ouvir as histórias de vida das pessoas que dão vida ao local: pessoas que frequentam, habitam, trabalham, usufruem de alguma maneira o local”. A memória coletiva de um bairro, dificilmente, é registrada ou documentada em livros, bibliotecas ou arquivos públicos.

Pensando nisso, buscamos conhecer quais são as lembranças subjetivas, as recordações individuais das pessoas que trabalham nos bairros Saudade e Morro do Papagaio, visando decifrar não somente as memórias individuais, mas também coletivas. Ou seja, determinar em quais pontos as memórias individuais se entrelaçam, se interconectam, constituindo uma amálgama, pois, a coesão social acontece entre

aqueles que compartilham uma memória delimitada espacialmente. Halbwachs (2006) esclarece que a existência de uma memória coletiva está atrelada ao âmbito espacial. Nessa mesma linha, conforme o entendimento de Abreu (1998, p. 11):

A memória individual pode contribuir, portanto, para a recuperação da memória das cidades. A partir dela, ou de seus registros, pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas e atingir momentos urbanos que já passaram e formas espaciais que já desapareceram.

Foi com esse intuito que abordamos os atuantes da Casa do Beco e do Grupo Iuna: conhecer suas lembranças mais marcantes, seus lugares preferidos e desprezados dentro do bairro, os momentos passados e que ainda conservam na memória e os que preferem esquecer, como enxergam comparativamente seu bairro em relação aos demais bairros da cidade, quais são as reminiscências que o nome do bairro traz, e/ou conotações produzidas ao ouvi-lo, qual é a primeira palavra que eles associam com o nome do bairro e qual é o principal problema que eles identificam, hoje em dia, nesse espaço.

Tanto na Casa do Beco quanto no Grupo Iuna, o grau de pertencimento e de envolvimento é considerável e, como se percebeu nas entrevistas, o sentimento e a afetividade em relação ao território estão bem presentes em todas as falas.

O primeiro aspecto constatado nesses territórios, de forma geral, foi a violência da polícia, os tiroteios, o tráfico de drogas e os amigos, parentes, alunos perdidos para a criminalidade. Por exemplo, Proscênio manifestou o seguinte: “uma coisa que me chateou bastante foi o momento em que a gente estava na Casa do Beco, a gente estava ensaiando e assim do nada a gente começou a ouvir muito tiro”.

Ao relatar especificamente sobre a criminalidade, Cenário salienta que isso:

[...] permeia por essa nossa realidade [...]. Ela sempre foi um fator ponderante que tanto em mim como criança e adolescente, que perdi vários amigos pra criminalidade, quanto como educador que, por mais que me dedicasse, fizesse esse trabalho de visitar meus alunos, perdi vários pra criminalidade.

Já no Grupo Iuna, Pandeiro recorda com tristeza dos amigos que foram assassinados pela polícia, mas prefere não guardar momentos infelizes, ele tenta esquecer, porque “se você fica carregando esses momentos tristes, essa mágoa, não dá para caminhar na linha da militância...”. Embora não seja possível negar nem olhar “enviesado” essa violência explícita e quase palpável, a maioria ressaltou que lhes preocupa um tipo de violência especial, a simbólica. O preconceito por parte da sociedade que é “muito grande ainda, morador de favela é morador de favela” (Espaço Cênico). Isso faz com que os moradores de favela, quando procuram trabalho, sejam aconselhados de não colocar o endereço. “Se eles veem que você mora na favela, eles não te contratam. A pessoa me falou, não põe seu endereço” (Proscênio).

Há, ainda, o abandono por parte do poder público. Isso ficou claro quando Cenário expressou: “se a própria gestão (estadual, municipal e da União) faz distinção porque a gente vai ter a ilusão de que integra a mesma sociedade”. Ao ser indagada sobre o mais difícil de ser enfrentado naquele território, disse Berimbau: “a tristeza pra mim, a grande tristeza é a exclusão, a falta de oportunidades que essas famílias daqui têm. As oportunidades que eles têm é muito pouca”. Bastidores acrescenta que “a falta de opções, de projetos estaduais, faz com que os adolescentes se envolvam nas drogas”.

Diante dessa realidade adversa, os entrevistados enunciaram as potencialidades das atividades culturais e de lazer desenvolvidas pelas associações pesquisadas. No final da entrevista, Cenário deixa bem claro que “comunidade de favela tem que ser olhada a partir do potencial, pelo que tem, e não pela ausência”. Para ele, a comunidade traz

lembranças associadas à “conquista, com muitas pessoas fortes, com muita resistência e com muitas pessoas representativas na cidade e por que não, no Brasil”.

Para Espaço Cênico, esse movimento de ter pessoas que acessam à universidade e continuam vivendo no Morro é muito significativo para essa comunidade: “eu fico muito feliz quando eu converso com pessoas que estão na universidade ou que estão em seus estudos, eu falo: ‘e aí, vocês querem sair do Morro?’ ‘Não, a gente quer estudar porque a gente quer melhorar a vida das pessoas do Morro’”. E isso não existia há alguns anos atrás. “Antigamente as profissões que existiam dentro do Morro eram empregada doméstica e trabalho braçal, construção civil, gari” (Cenário). Proscênio acrescenta: “Eu fico muito feliz. Porque antes era muito difícil a gente ter acesso a uma faculdade. E a maioria da minha sala está com uma graduação”.

Cabe salientar que vários entrevistados destacaram como importante para suas vidas a existência e atuação dos Pontos de cultura em seus bairros. E mais do que isso, por exemplo, Atabaque ressaltou que tanto o Grupo Iuna, como o Centro Cultural Alto Vera Cruz, “fizeram parte do meu crescimento como pessoa, crescimento pessoal”, ou Caxixi, ao lembrar do seu momento mais feliz no bairro: “foi fazendo capoeira, aqui no Iuna. A capoeira transformou minha vida”.

Em relação à transformação, ou como prefere dizer Espaço Cênico, transformAção, “é o que me move, pensar nessa comunidade e na Casa do Beco, transformAção nesse sentido. [...] é um trabalho de muitas mãos e que tem essa transformAção, sabe, porque é um objeto de ação o tempo inteiro”. Ao responder sobre o melhor lugar do bairro, ele respondeu: “olha, eu vou ter que jogar uma sardinha para a Casa do Beco, porque eu gosto muito daquele espaço. Eu acho que esse é o lugar mais

bonito”. Conforme as palavras de Proscênio: “momentos bons na comunidade, acho que é minha trajetória na Casa do Beco”.

Por sua vez, Pandeiro relatou que o momento mais feliz foi quando inaugurou o espaço Iuna:

[...] porque aqui eu consegui organizar toda a ideia de resistência, de empoderamento, de valorização da cultura e isso foi muito importante porque partiu de mim e de nós da comunidade. Eu e minha mulher, a gente conseguiu pensar, quando a gente realizou isso, a gente realizou um sonho muito grande de manter vivo, de manter viva nossa cultura e isso nós garantimos [...] Autonomia, independência, nós sermos donos do processo, sermos os protagonistas da história real, isso foi pra nós muito importante.

Além do anteriormente dito, foi plausível enxergar uma peculiar ligação que pairava em todas e cada uma das falas. Praticamente todos, de forma mais ou menos direta, destacaram que apesar de toda a violência, de toda a disparidade social, preconceito e abandono que há nesses lugares, ainda “existe uma relação de afinidade muito mais aberta em todos os sentidos, mais do que no próprio asfalto. [...] existe uma pureza muito grande nas pessoas, existe uma pureza nas famílias” (Espaço Cênico).

Bastidores expressa essa questão com as seguintes palavras: “há um movimento de acolhimento e solidariedade. Se você perde um parente, sempre tem um vizinho que vai à sua casa, ele faz a comida pra você, limpa sua casa”. Berimbau, por sua vez, destaca: “o povo sempre muito alegre, muito solidário, a gente fazia os mutirões e todo mundo participava”. Nesse sentido, Cenário ressalta: “é a liberdade que o morador, que a gente na comunidade tem, [...] é uma sensação de liberdade com proteção [...]. Uma sensação de que todo mundo estava cuidando de você”.

Esse cuidado humano, essa sensação de proteção, ficou bem perceptível em um comentário registrado no diário de campo, quando perguntado ao diretor da Casa do Beco se seria possível assistir a um ensaio do grupo Entre Elas. Ele sugeriu “ir em outra

ocasião porque elas, nesse dia, iriam trabalhar assuntos muito delicados e pessoais, e eu podia atrapalhar ou fazer com que elas ficassem incomodadas” (Diário de campo, 25/02/2016).

Essa preocupação com o outro, essa empatia afetiva, está presente no depoimento de praticamente todos os entrevistados. Por isso, não é por acaso que a resposta à pergunta “qual é a primeira palavra que vem a sua mente quando falamos o nome do bairro (Saudade e Morro do Papagaio)?” foram ‘diversidade’ (Proscênio), ‘resiliência’ (Cenário), ‘acolhimento’ (Bastidores), ‘transformação’ (Espaço Cênico), ‘tranquilidade’ (Pandeiro), ‘alegria’ (Atabaque), ‘Grupo Iuna’ (Berimbau) e ‘velhice’ (Caxixi). Dessa forma, através da análise dessa categoria, logramos identificar que as lembranças das pessoas entrevistadas estão relacionadas, direta ou indiretamente, com atividades de lazer e manifestações culturais, nas quais elas são participantes e/ou protagonistas. Ao mesmo tempo, foi possível enxergar o vínculo estreito que essas atividades/manifestações possuem com um território específico: seus respectivos bairros.

Sentido de Lugar

Por sentido de lugar, compreendemos a identificação subjetiva que os habitantes possuem com o território onde vivem. Por conseguinte, não existem duas identificações idênticas, uma vez que para cada pessoa, há um sentido de lugar diferente. De certa forma, podemos dizer, embora não na mesma proporção, que o habitante completa o lugar e vice-versa. Assim, essa categoria, junto com a memória coletiva e a sua importância histórica, ajuda a compor a identidade territorial, entendida como o conjunto de aspectos simbólicos e subjetivos dos quais se apropriam os grupos sociais

(HAESBAERT, 1999, 2005). Portanto, para cada pessoa existe uma noção (escala e configuração) diferente em relação ao lugar. Cada pessoa tem um envolvimento, um compromisso distinto com o lugar e, por sua vez, emoções e sentimentos.

Segundo Tuan (1983), o espaço se transforma em lugar quando a pessoa lhe transfere valores, sentimentos, pensamentos, ou seja, o dota de sua subjetividade, que coloca em jogo também todas as outras subjetividades coexistentes. Dessa forma, existem lugares nos quais a pessoa se sente mais à vontade, mais protegida, mais confortável. Ulrich Beck (1999) definiu este vínculo com os lugares como “topopoligamia” para se referir ao fenômeno de “casamento” com diversos lugares. Ao prosseguir com esse raciocínio, Marcelo Matos (2010, p. 90) acrescenta:

O sentido de lugar se refere, antes de tudo, às noções de seus significados; intimidade; familiaridade; identidade e singularidade. O cotidiano do indivíduo é permeado por inúmeros espaços/lugares que formam esse caleidoscópio de paisagens que chamamos de espaço vivido. No entanto, dentre os diferentes espaços/lugares pelos quais passamos, existem aqueles com os quais nos identificamos, nós reconhecemos e carregamos conosco todo o seu conteúdo simbólico [...]. Em geral, os lugares que habitamos são os que mais fortemente marcam nossa trajetória individual, [...], pois ao habitar um determinado lugar estabelecemos intensas relações de trocas subjetivas e objetivas, conscientes e inconscientes.

Da mesma forma que Bauman (2003) se refere à comunidade, é possível enxergar o sentido de lugar como algo no qual as pessoas colocam sua subjetividade e produzem de maneira inconsciente uma identificação territorial (BUTTIMER, 1985) ou uma fixação existencial (DARDEL, 2015). Nessa mistura entre identidades, sentimentos, afetos, paixões, metafísica, processos histórico-políticos, Milton Santos (2002, p. 322) ressalta:

O lugar é o quadro de referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis,

através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Assim, entendemos que através do sentido de lugar é factível identificar a forma pela qual as pessoas atuantes nos dois pontos de cultura concebem o respectivo bairro e se conectam com ele além do que está materialmente visível, além do que a realidade física manifesta (HAESBAERT, 1997).

As entrevistas realizadas com pessoas vinculadas aos dois Pontos de cultura evidenciaram alguns traços de subjetividade que refletem sentimento, emoção, conexão com esse lugar específico: o bairro. Assim, nas conversas com as pessoas da Casa do Beco, quando foram perguntadas sobre o vínculo, a relação afetiva com aquele bairro, o Cenário sintetizou assim: “é minha raiz, é onde cresci, o lugar onde me criei, o lugar onde me formei, onde me tornei filho, irmão, amigo, aluno, professor, educador, artista. Então é um vínculo de muito cuidado, muito carinho, muito amor, muito afeto”.

Esse sentimento topofílico não ignora que fazer parte de uma associação cultural nesse espaço é desafiador e ao mesmo tempo conflitante. É desafiador porque, por um lado, as pessoas ainda têm uma visão de que o trabalho que vem da favela tem menos excelência artística de um trabalho que não é feito nesses espaços geográficos. E, por outro, é tentar convencer ao público da favela de que o teatro e as demais atividades são também para eles. Sobretudo porque o diferencial, segundo a entrevistada Bastidores, radica em não apenas conviver, senão viver na comunidade. Saber como é a realidade das crianças te concede o conhecimento:

Às vezes alguém fala, na hora do lanche, a criança vem correndo para comer e é falta de educação. Não, não é [...]. Eu sei que tem meninos que vem para um espaço cultural sem comer nada. Sei que às vezes os pais saem muito cedo, às vezes com a questão de estrutura familiar mesmo que os pais não preparam as coisas. [...] então eu sei a maneira

como ela é tratada, eu passo em frente das casas dessas crianças. Eu sei que o tratamento tem que ser diferenciado (Bastidores).

Esse sentimento, de sentir orgulho do lugar onde nasceu e cresceu, é muito forte. E ainda é mais forte quando se acredita que o trabalho realizado ajuda a transformar a realidade de muitas pessoas. Bastidores acredita tanto no trabalho da Casa do Beco que recusou várias propostas para trabalhar em outros lugares por um salário maior, porque não tinham um trabalho que envolvesse pessoas ou nos quais o ser humano não era tão importante. Essa entrevistada aposta ao trabalho como elemento transformador das pessoas não só que trabalham na Casa, mas também que a frequentam: “Eu quero a transformação, eu quero contribuir também para a transformação sociocultural que a gente tanto fala. E eu, enquanto pessoa física, também quero isso pra minha vida, eu quero isso na minha casa” (Bastidores).

Embora exista esse vínculo especial com o lugar, não é possível desconsiderar o preconceito que ainda permanece em certa parte da população e, especificamente, em alguns grupos de teatro que quando convidados para se apresentar dentro da Casa do Beco aceitam, mas quando é no Morro, ao ar livre, no meio da favela, não querem. Nesse sentido, Espaço Cênico descreve a relação entre os bairros nobres e a favela como polos completamente diferentes e há uma divisão de classes muito grande. Por isso, ele considera seu trabalho na Casa como de resistência, de conscientização desse lugar: “meu papel com o teatro junto com esses meninos e moradores da comunidade é despertar um interesse pela arte, que a arte traga voz para que eles possam discutir esse lugar geográfico deles”.

Ele se coloca como parte integrante do aglomerado do Morro do Papagaio, barragem de Santa Lúcia, quando reconhece:

[...] eu tenho uma ligação muito grande com a favela também por essa relação do interior, eu acho que a favela tem uma raiz muito interiorana, tem uma vida rural que me encanta, essa coisa da conversa na janela, pedir sal emprestado, quando acaba o gás, vai fazer comida na casa do vizinho. E aí essa relação minha, geograficamente eu me situo na Casa do Beco como esse comunicador desses dois lugares, do asfalto com o morro (Espaço Cênico).

Embora ele acredite que a arte possua uma função política e até ideológica em dar voz aos habitantes das favelas para que essas vozes sejam ouvidas, destaca:

Triste falar isso, século XXI, mas existe um preconceito muito grande da cidade de Belo Horizonte, da sociedade de Belo Horizonte com esse público de pessoas, artistas, de trabalhadores que desenvolvem trabalhos nos aglomerados (Espaço Cênico).

Proscênio, quando discorre sobre o processo criativo do grupo de teatro, sobre a forma pela qual eles incorporam a realidade da favela na dramaturgia das peças, salienta:

[...] esse contato com a comunidade é muito instigador. Porque pegar conflitos que acontecem ou não sei se só conflitos, e transformar isso em teatro que possa fazer uma mensagem para as pessoas da comunidade [...] E esse contato com as pessoas, poder ir lá e pesquisar a vida das pessoas, pesquisar o que acontece de verdade, tipo assim, é adentrar dentro de onde você mora.

Com isso bem claro, todos eles acreditam e apostam na potência criativa existente nas favelas e buscam articulações com parceiros, tanto com grupos quanto com outras associações, para facilitar, dentro do possível, o trabalho cotidiano.

No que diz respeito ao Grupo Iuna, percebe-se uma intensidade similar em relação à identificação subjetiva e sentimento de pertencimento. Assim, Pandeiro, já desde o início mesmo da conversa, deixa transparecer sua forte ligação com o território:

Eu sempre morei aqui, por isso quis trazer a capoeira pra cá. Eu sei o valor que a capoeira tem na questão da formação, de criar o senso crítico e político nas pessoas, de transformar o pensamento das pessoas, e as pessoas aqui da comunidade não tinham a possibilidade de conhecer o instrumento da capoeira, enquanto luta, enquanto

instrumento de transformação, de pensamento, onde cria o senso crítico e político, onde conhece um pouco mais da nossa história.

Sobre o seu vínculo com o bairro, ele respondeu sem titubear: “Meu vínculo aqui é 100%”. Com esse tipo de resposta, é possível inferir que, para ele, a associação tem um vínculo consistente com aquele lugar, como se “precisasse” estar situada no bairro Saudade. Nesse sentido, quando perguntamos a Berimbau sobre como era estar na frente de uma associação nesse bairro, ela respondeu: “Eu vivo isso, esse é meu sonho”. Mesmo não tendo nascido nem sendo moradora do bairro, ela passa a maior parte do tempo no Saudade e isso leva à criação de laços não só com os habitantes, senão também com o território.

Cabe salientar que as instituições também favorecem a criação de vínculos sociais com os habitantes do bairro que as frequentam, embora seja um grupo reduzido considerando o total de moradores que ali habitam. Assim, as associações como Grupo Iuna e Casa do Beco funcionam como nexo entre os habitantes, como lugar de encontro e sociabilização entre eles. Por isso, pode-se dizer que as associações podem ser um integrante a mais do bairro. Exemplo disso é o depoimento de Caxixi, quando afirma categoricamente:

As pessoas que se envolvem um com a outra assim, são filhos das pessoas que moram na comunidade, que fazem parte do Grupo Iuna. Por isso é que a gente tem um convívio mais próximo, mais... A maioria do povo do bairro não é ligado assim não, mas tem convivência só por causa do Grupo Iuna mesmo, por causa das meninas que treinam aqui. Só por isso.

Isso também fica visível quando Atabaque explica: “Então, eu acho que minha relação com o bairro é essa. Um amor muito grande porque aqui a gente tem essas opções, tem essa realidade cultural”.

Em suma, nos relatos dos oito entrevistados foi possível identificar o sentido de lugar, de pertencimento em cada território investigado. Por tudo isso, a eleição de abrir uma associação cultural nesses bairros deveu-se a uma questão pessoal, íntima e subjetiva dos respectivos diretores ou coordenadores dos espaços. Somado a isso, está o fato ideológico-político do significado de uma associação com essas características estar presente nesses dois bairros. A questão de ter esse espaço cultural nesses lugares da cidade faz todo sentido para os dois diretores/coordenadores, e está bem nítido que a localização geográfica passa por uma questão de resistência, de luta, de convicção pessoal que, pelo menos nos dois casos estudados, encontra eco na comunidade como um todo.

À Guisa de Conclusão

O interesse por pesquisar duas associações culturais distintas fundamentou-se no desafio de compreender diferentes aspectos da articulação entre território, cultura e lazer dentro de uma mesma cidade. Outro importante desafio foi aprofundar essa discussão tendo como referência uma política cultural pública alicerçada na criação e consolidação de Pontos de Cultura em territórios socialmente vulneráveis. Nos editais ou na descrição da lei, não apareceu a palavra lazer de forma explícita. Contudo, mesmo que o lazer não esteja instituído na teoria, é instituinte na prática cotidiana, pois, está presente na dinâmica que as duas associações articulam.

Foi constatado que as duas associações estudadas eram o sonho de vida das pessoas que as criaram e também, em maior ou menor grau, de todas as pessoas atuantes que foram entrevistadas. O fato de ter a possibilidade de trabalhar diariamente para conseguir oferecer diversas manifestações de lazer e culturais no seu bairro havia se

tornado realidade porque representava não só uma ligação individual com o território, senão também das pessoas que ali residem.

Isso está relacionado com o que Tuan (2012) definiu como topofilia, ou seja, uma ligação afetiva e emocional que o ser humano estabelece com o território e que se concretiza na identificação subjetiva, mediante a qual geografia e as pessoas se entrelaçam em uma amálgama. Nesse movimento simbólico e individual, através do qual as pessoas atuantes se conectam com o território em termos de representatividade, identificação e pertencimento, se reconhece uma apropriação a partir do lazer por meio das atividades e práticas que essas associações socioculturais desenvolvem.

Isso não quer dizer que a atuação das instituições esteja isenta de dificuldades e obstáculos. Promover a cultura de um espaço localizado na periferia acarreta as dificuldades que provêm do exterior, tais como vencer o preconceito social de crer que tudo o que vem desses lugares é de uma qualidade inferior, é feito com escassos recursos ou o resultado não resiste à comparação. Paralelamente, há também barreiras internas, que partem dos próprios moradores que não se identificam com as manifestações artístico-culturais que a instituição oferece.

Porém, mesmo com essas dificuldades, é nessa apropriação do lazer que as pessoas atuantes se identificam com os aspectos simbólico-afetivos presentes no território e encontram nela o estímulo para compartilhar essas experiências com o maior número de pessoas possível. Desse modo, cada associação, a sua maneira, faz aflorar o que Haesbaert (1997) denomina como dimensão simbólica dos territórios, que não é outra coisa que os aspectos e traços sutis mediante os quais as pessoas estabelecem laços e se sentem parte do território que habitam.

Ambas as associações se reconheciam como Pontos de cultura antes mesmo da política cultural ser criada. Ou seja, no sentido figurado do termo, elas já atuavam nessa direção. Esse sentimento de ser um espaço que irradia cultura, apesar de todas as dificuldades e de não contar com nenhum apoio institucional, é o que mobiliza e fundamenta o acionar delas. Isso ficou ainda mais palpável quando, na fala dos dois diretores, eles disseram que não se imaginavam fazendo isso em outro bairro que não fosse onde eles nasceram, se criaram, cresceram e moram até hoje. Simplesmente não faria nenhum sentido. Tais experiências culturais e de lazer só fazem sentido quando são pensadas, executadas e compartilhadas com os seus vizinhos, amigos e conhecidos nos seus próprios territórios. O fato da maioria dos entrevistados morar no bairro faz com que essas propostas de lazer alcancem um sentido mais profundo, já que são destinadas a pessoas com as quais eles convivem e tem a ver com a identidade do território que eles querem construir e projetar.

Embora cada associação tenha mais atividades e ofereça propostas para um público mais amplo e diverso, tem muito claro qual é sua atividade principal, seu carro-chefe. Nessa atividade radica a sua identidade, a sua marca e o legado que querem deixar no território. Foi assim que se evidenciou justamente que são essas atividades/práticas/experiências de lazer as que permitem e/ou favorecem a ligação do ser humano ao espaço geográfico.

Os três indicadores adaptados da proposta teórico-metodológica desenvolvida por Marcelo Matos (2010), junto com uma quarta categoria por nós escolhida, permitiram enxergar aspectos sensíveis do território e como as pessoas atuantes nos pontos de cultura estabeleciam um diálogo com o espaço geográfico, o bairro, através

de elementos simbólico-afetivos como são a arte, o lazer, a cultura, a memória, as emoções e as sensibilidades.

As categorias Identidades do território, Atividades de lazer, Memória coletiva e Sentido de lugar, possibilitaram perceber, por um lado, os mapas de lazer presentes nos dois bairros e, por outro, a maneira como essas pessoas atuantes se relacionavam com os espaços que compõem a sua memória individual e contribuem na construção da sua identidade geográfica ou, em palavras do geógrafo espanhol Horacio Capel (1981), da sua geografia pessoal. Tanto o levantamento de espaços vinculados ao lazer quanto os lugares que faziam parte da memória vieram a conformar o conjunto de sentimentos, valores, significados, sensações e emoções que todo espaço possui e que, nas palavras de Matos (2010), é denominado como sensibilidade do lugar.

Foi possível compreender que a articulação entre território, cultura e lazer funciona a partir de uma determinação que é um desejo vinculado ao afetivo, à identificação, à representação e ao sentido de pertencimento, de querer concretizar esse tipo de experiência cultural e de lazer nesse território específico. Todas as pessoas de ambas as associações manifestaram que o lazer e o cultural fazem parte de suas memórias e também compõem o sentido de lugar, ou seja, dão sentido ao espaço que habitam. Dentre esses vínculos simbólico-afetivos que estão por trás das duas associações, podemos nomear a alegria, a identificação, a representatividade e o sentido de pertencimento com o bairro; a solidariedade, a preocupação, a busca pela transformação social, a alteridade e a empatia com os demais moradores e, por último, a intenção de mudar o preconceito de que a periferia e a favela estão associadas diretamente à escassez, à carência, à criminalidade, à falta de qualidade dos espetáculos, eventos e shows que produzem.

As entrevistas e observações de campo evidenciaram que o lazer e a cultura desempenham um papel crucial de ligação do ser humano com o território, uma vez que o indivíduo expressa, tanto de maneira consciente como inconsciente, toda sua subjetividade em estreita relação com o território. E é a partir dele que constrói sua identidade como sujeito e como parte de um coletivo, influenciando e sendo influenciado pelo espaço geográfico; criando raízes físicas e/ou objetivas (moradia, alternativas de transporte público, existência de hospitais, escolas, comércios de primeira necessidade como, por exemplo, farmácias e supermercados) quanto simbólicas e/ou subjetivas (amizades, família, vivências) com esse território.

Concluindo, ficou evidente nesta investigação que, diante do abandono e/ou desprezo por parte do Estado para com certas zonas da cidade, essas associações socioculturais, através do lazer e da cultura, se ancoram no território. Dessa maneira, encontram uma forma de marcar presença física no espaço, de resistir e de serem resilientes – o que, em resumo, é uma posição política constituída por meio de cartografias simbólico-afetivas nos territórios investigados.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**, Porto, I série, v. XIV, p. 77-97, 1998.
- ARREGUY, C. A. C.; RIBEIRO, R. R. **Histórias de bairros [de] Belo Horizonte: Regional Centro-Sul**. Belo Horizonte: APCBH e ACAP-BH, 2008. 62 p.
- _____. **Histórias de bairros [de] Belo Horizonte: Regional Leste**. Belo Horizonte: APCBH e ACAP-BH, 2008. 58 p.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 138 p.
- BECK, U. **O que é globalização? Equívocos do globalismo, respostas à globalização**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 282 p.

BERGSON, H. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 304 p.

BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: ROSENDAHL, Z., CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-91.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 219 p.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 165-193.

CAPEL, H. **Filosofia y ciencia en la Geografía contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1981. 477 p.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. 453 p.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Z., CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-112.

CRUZ, M. **O Morro do Papagaio**. Belo Horizonte: Conceito, 2009. 116 p.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015. 160 p.

HAESBAERT, R. Território e Multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Niterói, ano IX, n. 17, p. 19-46, 2007.

_____. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10, 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo: EdUSP, 2005. p. 6774-6792.

_____. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z., CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190.

_____. Território, poesia e identidade. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.3, p.20-32, jan. 1997.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006. 224 p.

IBGE. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>. A partir do crescimento da população total, se calculou a estimada dos dois bairros. 2020.

MASCARENHAS, F. Lazer e Trabalho: liberdade ainda que tardia. In: SEMINÁRIO “O LAZER EM DEBATE”, 2, 2001, Belo Horizonte. **Coletânea II Seminário “o Lazer em Debate”**. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/CELAR/DEF/UFMG, 2001. p. 81-93.

MATOS, M. **A sensibilidade do lugar:** uma proposta metodológica para aplicação da percepção ambiental nos planos de emergência a derrames de óleo. 2010. 172 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

PASSOS, E., KASTRUP, V. e ESCÓSSIA, L. DA (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

SANTOS, M. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EdUSP, 2002. 392 p.

SECRETARIA DE CIDADANIA CULTURAL. **Almanaque Cultura Viva.** Brasília: MinC, 2010. 362 p.

TUAN, Y. F. **Topofilia - um estudo da percepção:** atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Edual, 2012. 344 p.

_____. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983. 248p.

Endereço dos Autores:

Augustín Arosteguy
Puán 480, 4to piso. C1420 CABA
Buenos Aires. Argentina
Endereço Eletrônico: agarosteguy@yahoo.com.ar

Christianne Luce Gomes
EEFFTO/UFMG
Av. Antônio Carlos 6627 – Pampulha
Belo Horizonte – MG – 31270-901
Endereço Eletrônico: chrislucegomes@gmail.com